

**OQUIMBALAUE
NEGRA SIM! NEGRA SOU!
ESCRITA, TEATRO, RESISTENCIA E EDUCACAO.**

THALITA FERREIRA MOREIRA¹; DENISE BUSSOLETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas. – Thalitamors@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – denisebusoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este presente trabalho é parte resumida da dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós graduação em educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL), em junho de 2020, na obtenção do título de Mestra em Educação.

A pesquisa nasce partindo do poema “Me Gritaram Negra” de Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra. Ao interpretar o poema a autora busca o movimento de uma escrita do corpo, escrita que parti das vivencias da autora mulher preta, periférica, professora, artista e educadora, militante negra.

E é este poema-grito, ou um grito-poema, que permiti a pesquisadora seguir com Victoria, pelo teatro e pela pesquisa, vivenciando quem sou, e sendo quem vivencio. E por ela, também dizer que esta pesquisa resulta de um “proceso de vivencias experimentadas a lo largo de mi vida; confieso que no me he permitido plasmar una solo palabra que no haya sido sentida, vivida” (GUAMARRA, 2004).

Pensando ancestralidade e a vivencia de mulheres negras como autoria de suas próprias histórias. Tudo na articulação com o corpo que no andar com a arte e a educação manifesta uma escrita do corpo. A escrita de pesquisa utiliza as metáforas teatrais e se desenvolve em 3 atos, cada um com cenas respectivas.

No Ato 1 é realizada a exposição das principais informações necessárias a leitura do trabalho. No ato 2, o clímax, é onde se desenvolve a questão de pesquisa em torno da interrogação: Eu, negra sou? e apresenta-se os objetivos como sendo: apreender o que faz ser negra, na articulação entre a artista, a educadora e a pesquisadora, utilizando o teatro como recurso político e pedagógico, mais especificamente, o teatro como uma forma de resistência.

E logo após a metodologia, que se constrói como um cruzamento da proposta de escrevivência de EVARISTO (2017) e da etnografia surrealista de CLIFFORD (2012). Neste ato são ainda explorados alguns dos principais autores e suas relações através da proposta deste trabalho.

No ato 3, o desenlace, se verifica o nascimento da personagem síntese - Oquimbalaue, que procura através de sua escrita corporal estabelecer uma íntima relação entre a pesquisa e o teatro de forma que estes se possibilitem, ao mesmo tempo, como um movimento de ancestralidade e de ato político e pedagógico (NASCIMENTO, 1978).

Em síntese este trabalho busca, assim, pela escrita de pesquisa, defendida como escrita do corpo, encontrar uma proposta de resistência que se afirme pela arte, pela educação e por tudo aquilo que pelos caminhos da ancestralidade se reivindicam como atuais e imprescindíveis.

METODOLOGIA

Pensando por que razão é importante pesquisar e refletir tais temas perspectivas? Existe alguma novidade nisso? Sabemos que muitos outros já pensaram e denunciaram sobre as diferentes formas de expropriação, genocídio e epistemicídio negro.

Fanon, no livro “Condenados da Terra” (1968) já falava da dimensão física e psicológica que o povo negro sofre e as consequências disso para o sujeito que tem sua humanidade negada. Tais reflexões são ainda centrais na atualidade.

Com base nisso através da pesquisa buscando pensar e refletir como métodos para um processo de reconhecimento de um saber voltado para a diversidade cultural e social, buscando na ancestralidade as ferramentas para reflexão e construção de uma educação voltada para o desenvolvimento da mulher negra. Vivências, usadas nos encontros e na escrita de pesquisa.

Identidades negras que produzem teoria, dados científicos e estatísticas na sociedade. Por entremeios da ancestralidade, oralidade transmitem saberes reivindicam lugares, na academia ou em seus espaços de sobrevivência, periferias, favelas, quilombos Vivências que se fazem como método e pedagógicas ao ensinar, pela oralidade, pelo corpo, pelo movimento, pela música ... Ensinando sobre potências negras...

Seguindo pelas encruzilhadas das vivências Conceição Evaristo apresenta o conceito de escrevivência em 1995, em um seminário numa mesa de escritoras negras. “Nossa escrita, nossa escrevivência não é para adormecer os da Casa Grande e sim para incomodá-los de seus sonhos injustos” (EVARISTO, 1995).

Contudo o fio metodológico se fez na escrevivência como uma escrita corporal, as vivências negras em suas mais diversas dimensões foram as bases para o desenvolvimento da pesquisa e resultados.

No entanto, para seguir escrevivendo, um outro método foi necessário, ser articulado. Refiro-me a proposta da etnografia surrealista. Cabe dizer que este método vem sendo desenvolvido, aplicado e adaptado, através das contribuições dos últimos 10 anos do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativas, Arte e Linguagem (GIPNALS) do qual faço parte. Baseia-se, inicialmente nas contribuições de CLIFFORD (2002) mas vem sendo discutido por BUSSOLETTI (2007-2020) e pelo grupo de pesquisa através de diferentes pesquisas de mestrado e tese de doutorado nos últimos anos. A etnografia surrealista, como sugere James Clifford na pesquisa auxilia desfamiliarizando conceitos, nesta perspectiva os fragmentos, as justaposições e a montagem são recursos metodológicos utilizados, assim como é necessário compreender que para perspectiva interessa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O esforço da pesquisa se deu no sentido de expressar o movimento de nascimento e construção de uma personagem que pela arte e pela educação buscou construir a sua identidade da artista/educadora/pesquisadora, enfim, de uma mulher que junto a outras tantas mulheres negras, assume pelo texto e pela vida a necessidade de se constituir como autora e protagonista de sua própria história.

OQUIMBALAUE, é o nome desta personagem síntese que buscou expressar não somente alguns dos movimentos identitários, como também permitir o trânsito, o movimento pela escrita que promova o encontro do objetivo da proposta pretendida que apreendendo o que faz ser negra, na articulação entre a artista, a educadora e a pesquisadora (que fui, sou e vou me constituindo), utilizando o teatro como recurso

político e pedagógico, mais especificamente, o teatro como uma forma de resistência.

Dizendo isto reafirmo que a escrita e pesquisa não se fez sozinha, se fez sim junto com tantas outras mulheres negras, com suas riquezas de identidades e saberes inumeráveis.

Também compreendemos pela pesquisa que não se trata de sobrepor, nem hierarquizar saberes, nem muito menos fazer juízo de valor dos saberes oriundos da academia, mas sim buscar esses outros saberes e suas identidades. Os saberes e as identidades das mulheres negras periféricas, da favela, dos quilombos, dos morros e de tantos outros lugares muito distantes das universidades. Se trata de respeitar e pensar sobre esses saberes tão legítimos e significativos para a constituição, das identidades, do crescimento e da sobrevivência das mulheres negras em nossa sociedade.

CONCLUSÕES

Por fim, talvez o maior resultado e aprendizado implícito na pesquisa no grito: Eu, negra sou! É o ato de conceber pela escrita uma libertação diante daquilo que os outros dizem ou esperam de nós. Daquilo que deve ser pesquisa, ou do que deveria ser uma dissertação de mestrado, entre outros. Eu, negra sou! Pois somos aquilo que emanamos e a forma pela qual nos colocamos enquanto seres humanos. Sou e somos mais que um gênero, mais que uma cor, sem negar as imposições já postas em nossa sociedade acerca dessas condições, mas para além, como nós fazemos seres humanos plenos.

Esta pesquisa se faz como uma ferramenta de resistência, um reflexo direto do resultado das políticas públicas afirmativas nas universidades federais, ou seja, está mulher negra pesquisadora, através do uso deste direito, desta política consegui concluir sua pesquisa, e seguir sua formação enquanto educadora. E no mesmo ano de 2020, no momento em que esta dissertação foi finalizada, o atual governo da época, como uma última “cartada” do Ministro da Educação que na saída do cargo tentou implementar uma medida que tenta retirar esse direito já adquirido, pelas lutas de anos atrás do Movimento Negro no Brasil revogando a indução de ações afirmativas em cursos de pós-graduação – que garantia o acesso de negros, indígenas e pessoas com deficiência nestes.

Em que pese a tentativa genocida e colonizadora de aniquilamento, a tentativa constante de remover direitos já adquiridos da população negra, está dissertação também mais que nunca, é uma denúncia, um grito, um eco! Que grita nenhum direito a menos. A força e a ancestralidade dessas mulheres ecoam até hoje e se poder por muito ainda transitará neste mundo grito de Oquimbalaue, o nosso grito: Eu, negra sou!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSSOLETTI, D. M. **Leituras em Dramaturgia Teatral para Diversidade(org).** Pelotas: Editora UFPEL, 2012.

_____. **Mulheres sem Terra: Identidade em representação.** 1997. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

EVARISTO, C. **Becos da Memória.** Rio de Janeiro: Editora: Pallas, 2019.

_____. **Olhos d'água – 1.** Rio de Janeiro: Editora: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, C.. Acessado em 20 jan. 2020. Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>

FANON, F. Os condenados da Terra. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do negro brasileiro.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, p. 4. 1978.

SANTA C, V. **Me Gritaram Negra.** Acessado em 20 mar. 2019. Online. Disponível em: <http://projetogriots.blogspot.com.br/2013/07/me-gritaram-negravictoria-santa-cruz.html>

_____. **Ritmo: El eterno organizador.** Lima: COPÉ e Departamento de Relaciones Públicas de Petro Perú, 2004.

Medida do governo na retirada de direitos da população negra já adquiridos na pós-graduação. Acessado em 20 de jun. de 2020. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/18/mecrevogportariaquecriavapolitica-sdeinclusaonaposgraduacoescomo-o-acesso-a-negros-indigenas-e-deficientes.ghhtml>